

RAÍZES E ROTAS LITERÁRIAS: AS *CARTAS PENINSULARES* DE OLIVEIRA MARTINS E A RETÓRICA DA ALTERIDADE

Sara Cerqueira Pascoal
ISCAP | CEI
Portugal
spascoal@iscap.ipp.pt

Resumo

Este artigo aborda a narrativa de viagens *Cartas Peninsulares*, publicada em 1895, após a morte do seu autor, Joaquim Pedro de Oliveira Martins. Membro da célebre Geração de 70, Oliveira Martins é unanimemente considerado o mais acérrimo defensor das teorias iberistas. Nas *Cartas Peninsulares*, Oliveira Martins confronta-se com o espaço ibérico e povo espanhol, num processo de alteridade onde se revê de forma especular, escolhendo (re)visitar e o espaço geográfico que representa historicamente a génese da divisão das duas nações peninsulares.

Palavras-chave: Narrativas de viagem, Oliveira Martins, iberismo, alteridade, rota literária.

Abstract

This article proposes an approach of the travel narrative *Cartas Peninsulares*, published in 1895, after the death of its author, Joaquim Pedro de Oliveira Martins. Member of the famous Generation of 70, Oliveira Martins is widely regarded as the fiercest defender of Iberism. In *Cartas Peninsulares*, Oliveira Martins confronts himself with the Iberian space and the Spanish people, in an alterity process that he approaches in a specular way, (re)visiting the geographical area that historically is the genesis of the division of the two peninsular nations.

Keywords: Travel narrative, Oliveira Martins, Iberism, alterity, literary route

1. Introdução

Edição organizada e prefaciada por Guilherme de Oliveira Martins, irmão do autor, as *Cartas Peninsulares* saíram, impressas por António Maria Pereira, pela primeira vez, em 1895, apenas um ano volvido da morte do famoso historiador e cinco anos após o *Ultimatum*. Sobre a sua génese, sabe-se que Oliveira Martins preparara uma série de biografias que deveriam finalizar com a edição da vida de D. Sebastião¹. Para o volume dedicado à vida de D. João II, decidiu empreender uma viagem a Espanha, estímulo para estas *Cartas* e suas últimas páginas². Guilherme de Oliveira Martins, no prefácio, explica-nos os motivos desta viagem, cujo propósito seria o de:

“(…) completar o esqueleto da sua obra, desejava ardentemente ir a Espanha, para estudar directamente o teatro das guerras portuguesas e assim realizaria um duplo fim : aquisição de materiaes para o seu livro, e assumptos para artigos a publicar no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro.” (Prefácio)

No entanto, o conhecimento de Oliveira Martins da nação vizinha vinha já de longa data, quando, com apenas 25 anos, fora contratado como administrador nas minas de Santa Eufémia, em Córdova, aí tendo permanecido até 1874. Neste mesmo ano, torna-se diretor da exploração do caminho-de-ferro do Porto à Povoia do Varzim e Vila Nova de Famalicão. Além disso, são também conhecidas outras deslocações a Espanha do autor da *História da Civilização Ibérica*, como a que efetuou, em 1880, aquando do bicentenário de Calderón de la Barca, ou dois anos depois, para as comemorações do 4º Centenário da Descoberta da América, tendo proferido uma conferência no Ateneu de Madrid. É igualmente de conhecimento público a correspondência que manteve com políticos, como

¹ Explica-nos Luís Machado de Abreu sobre a génese destas biografias “É igualmente como gesto desesperado contra o desenlace próximo que se entrega a uma espécie de respiração boca a boca, ao escrever as biografias épicas de Nun’Alvares, dos filhos de D. João I e do Príncipe Perfeito., tentando assim insuflar o oxigénio sebastianista dos grandes mitos nacionais.” (ABREU, 1999: 349).

² Conta-nos Maria Amália Vaz de Carvalho a propósito desta viagem de Oliveira Martins, na sua obra *Pelo Mundo fora*: “Da viagem a Hespanha voltou elle já ferido sem apello e sem possivel cura pelo punhal traiçoeiro da Morte! Ainda esperou contra todas as esperanças, ainda a paisagem agreste e idyllica a um tempo do convento de Brancanes e cercanias o embriagou como a ultima estrophe deliciosa d’esse poema da Natureza, que para a alma d’elle, como para poucas almas, tinha harmonias, côres, visões divinas, philtros alucinantes e poderosissimos. E ainda como ultima exhalção do seu querido espirito para o meu, algumas palavras me vieram provar a força pertinaz da sua illusão e os extremos da sua delicada e preciosa amizade.” (CARVALHO, 1896:257).

Emilio Castelar, ou literatos, como Juan de Valera, Benito Perez Galdós e Ménéndez Pelayo³.

Joaquim Pedro de Oliveira Martins nasceu a 30 de Abril de 1845, em Lisboa, cidade onde viria a falecer, 49 anos mais tarde, em 1894, de tuberculose. Foi a morte prematura do pai, quando contava apenas 14 anos de idade, que o levou a abandonar os estudos e a trabalhar como empregado comercial, cultivando-se, no entanto, como autodidata. Depois de algumas primeiras experiências de trabalho, apresentou-se, em 1878, no concurso aberto pela Academia Real das Ciências de Lisboa, com a memória relativa à *Circulação fiduciária*, que lhe valeu a Medalha de Ouro da mesma Academia, e o título de sócio correspondente. Em 1880, foi eleito presidente da Sociedade de Geografia Comercial do Porto, de que se demitiu dois anos depois, em 1882, sendo-lhe então conferido o título de presidente honorário. Nesse mesmo ano, a Real Academia Espanhola conferiu-lhe o diploma de sócio correspondente. Oliveira Martins também era sócio do Instituto de Coimbra, e de diversas sociedades científicas, nacionais e estrangeiras. Em 1881, fez parte da comissão distrital do Porto, no Inquérito Industrial, e redigiu o relatório da mesma comissão. Em 1884, foi nomeado membro da direção do Museu Industrial e Comercial do Porto e vogal da comissão encarregada de propor ao governo algumas providências tendentes a melhorar a situação das classes operárias, com respeito ao trabalho, aos salários, às crises industriais e a outros assuntos de interesse público. Em 1883, foi deputado pela primeira vez, eleito por Viana do Castelo, e, em 1887, pelo círculo do Porto, sendo reeleito ainda em outras legislaturas. No ano de 1887, apresentou ao parlamento o seu projeto de lei sobre fomento rural. Fez parte da comissão executiva da Exposição Industrial Portuguesa com uma secção agrícola, que, nesse ano de 1888, se realizou em Lisboa, na Avenida da Liberdade.

Oliveira Martins foi igualmente representante de Portugal na Conferência Internacional de Berlim, em 1890, e na conferência de Propriedade Industrial de Madrid, onde, em 1891, foi convidado para a conferência realizada no Ateneu para a celebração do centenário de Cristóvão Colombo. Recebeu depois a Grã-Cruz do Mérito Nacional. Em

³ A respeito destas amizades com Juan de Valera e Menéndez Pelayo, cujo íntimo apreço e público reconhecimento contribuíram, em grande parte, para o acrescido interesse da intelectualidade espanhola pelo historiador português, dá-nos ampla conta o artigo de Pedro Serra e Ana Maria Garcia Martin (1999).

1892, no Ministério que se organizou sob a presidência de Dias Ferreira, foi convidado para a pasta da Fazenda, que geriu desde 17 de Janeiro até 27 de Maio. Em 1893, foi eleito membro da Junta do Crédito Público, exercendo nessa alta corporação, sob a qual seu pai e seu irmão tinham servido como empregados públicos, o lugar de vice-presidente⁴.

Para além desta intensa atividade política, Oliveira Martins consagrar-se-á como notável literato, tendo-se dedicado à História Económica e Social, passando também pelo romance histórico, a crónica social, o drama, a crítica literária ou o ensaio. Tal como outros membros da geração de 70, a terceira geração romântica, também Oliveira Martins ensaiou uma experiência de viagem⁵, que se cristalizaria nas obras *A Inglaterra de Hoje*, de 1893, e estas *Cartas Peninsulares*, onde se reconhece a sua admiração incomensurável pelo país vizinho, que visita com o duplo propósito de retemperar as forças, debilitadas pela tuberculose, e simultaneamente de perceber, pela História e Geografia espanholas, a História e Geografia portuguesas, recolhendo, como já afirmáramos, matéria para o volume *O Príncipe Perfeito*, biografia de D. João II, que deixaria inacabada⁶.

“Saí de Lisboa com o propósito de visitar algumas povoações castelhanas da fronteira de leste, nessa zona chamada terra de Campos, e que tão intimamente está ligada á história nacional portuguesa desde os seus primórdios até às guerras do

⁴ Ver entrada Joaquim Pedro de Oliveira Martins, Portugal Dicionário Histórico, por Manuel Amaral, disponível em <http://www.arqnet.pt/dicionario/omartip.html> e SARAIVA e LOPES, 1982: 909-922.

⁵ A viagem é um motivo maior da Geração de 70, que a entende como forma de conhecimento. Vejam-se, a título de exemplo, as considerações de Ramalho Ortigão no seu *John Bull*: “Os livros de viagens feitos de rigorosos inquéritos às civilizações estrangeiras constituirão então preciosos repositórios de factos observados, sugestão científica de outras tantas hipóteses sugeridas por fenómenos análogos resultantes d’outras observações, permitirão deduzir teorias que, por seu turno contraprovadas experimentalmente, levarão talvez ao conhecimento e à demonstração de algumas leis mais positivas e mais fecundas”; ou as de Teófilo Braga “(...) viajar leva fatalmente a exercitar o critério comparativo; d’esta actividade resultam duas ordens de conhecimentos, o saber julgar aquillo que pelo habito permanente deixou de nos impressionar, e o descobrir novas forças no organismo social que nos eram ignoradas. Praticamente das viagens resulta a crítica e a modificação das instituições” (Teófilo Braga: 1875)

⁶ Será a viagem a Espanha que acabará por o debilitar ainda mais, conduzindo pouco tempo depois, à sua morte. Maria José Marinho escreve a este propósito: “Viria a ficar cativo na batalha de Toro, quando perseguindo um sonho antigo (sabe-se quanto em Oliveira Martins os sonhos eram antigos...) demandava novas primícias do *Príncipe Perfeito* nas tibiezas flácidas do rei africano, reensaiando a epopeia dinástica de um Portugal outro. A vida porém deixá-lo-ia cativo (ao “suave” entristecer da Carta undécima) dessa batalha que nunca houve, do sonho ibérico que nunca se fez realidade, do *príncipe perfeito* que ali se quedou mero esquisso, testamenteiro de D. Duarte e D. Pedro, sem Estado-Nação que governar.” (MARINHO, 1995:22-23).

princípio do século. Sai também com a ideia de que essa excursão, agora em Junho, quando o sol começa a queimar nas planícies de Castilla-la-Vieja, me tonificaria as forças deprimidas por uma enfermidade passada.” (MARTINS: 1895: 117).

Tal como Gabriel Magalhães chama à atenção, a atitude ibérica de Oliveira Martins deixa-se antever a cada momento nas *Cartas Peninsulares*, numa portugalidade que só ganha peso e consciência através da peninsularidade:

“Conhecer a Espanha acaba assim por ser uma forma de reconhecer Portugal. Este aspeto é um dos mais complexos do iberismo do autor de *Portugal contemporâneo*: na verdade, para ele, a vivência ibérica era uma outra forma, mais profunda, mais completa, de reviver a própria nacionalidade. Um indício cronológico inequívoco desta estratégia ibérico-nacionalista, aparentemente antitética, pode identificar-se na data em que são publicadas duas obras como *História da civilização ibérica* e *História de Portugal*: as duas no mesmo ano – 1879. Há assim uma estranha *simultaneidade* da vivência lusíada e da vivência peninsular – como se o rosto de Portugal só se pudesse ver efetivamente num espelho peninsular.” (MAGALHÃES, 2000:170-171).

O espaço geográfico escolhido para esta viagem de reconhecimento é uma região que, pela sua história, se liga às origens de Portugal: a “Terra de Campos”, delimitação administrativa de uma comarca que coincide com as províncias de Salamanca, Zamora, Léon e Palência, assim descrita por Orlando Ribeiro: “ (...) a Terra de Campos é terra de pão, cultura de ano e vez, pousios pastoris e campos abertos para os pastos comuns.” (RIBEIRO, Orlando, 1995:68). Terra arquetípica que, como veremos, pela sua singularidade, servirá de espaço de exploração do processo identitário ibérico.

2. Rotas e Raízes: a viagem a Espanha

Pensador e figura central da cultura portuguesa de finais do séc. XIX, Oliveira Martins deixou-nos, nas *Cartas Peninsulares*, para além de muitas outras reflexões, uma interessante descrição da viagem de comboio entre Lisboa e Vilar Formoso, via Linha da Beira Baixa, com destino a Castela e Leão, bem como notações e impressões diversas

sobre o espaço que percorreu. A viagem decorre em junho de 1894, pouco tempo após a conclusão desta linha de caminho-de-ferro, que constituiria a quarta ligação ferroviária à fronteira espanhola⁷. De facto, a Linha da Beira Baixa foi inaugurada a 6 de setembro de 1891, pelo rei D. Carlos, embora o comboio só chegasse até à Covilhã, visto que o restante troço até à Guarda só viria a ser concluído em meados de 1893.

Com efeito, partindo de Lisboa de manhã, a primeira etapa desta viagem é Abrantes, onde o autor de *Portugal Contemporâneo* almoça e aproveita para conhecer o património, mormente o castelo, espaço que lhe traz à memória “impressões tristes de um passado afogado... em palha”. Sai de Abrantes, de noite, e prefere “transpor dormindo” a charneca da Beira Baixa, acordando perto do Fundão. A linha da Beira Baixa rumo à Covilhã, passa a Guarda, transpondo a fronteira em Vilar de Formoso, onde a linha continua até Salamanca, primeiro destino do historiador português. Após uma visita ao centro histórico, entranhando-se nos monumentos, palácios, seminários e igrejas representantes do Século de Ouro, Oliveira Martins continua a sua viagem em direção a Zamora, “termo da laboriosa viagem do comboio”. Para tal, terá de realizar um sinuoso trajeto em caminho de ferro, tomando a linha de Valladolid que segue para Nordeste em direção a Medina del Campo, para aí inverter a marcha no sentido contrário, para Noroeste, passando por Toro.

A viagem começou logo de manhã e o primeiro objetivo será Abrantes, onde o escritor iria descansar algumas horas. O mapa que constitui a Fig. 1 representa a viagem efetuada por Oliveira Martins em 1894. Da sua análise podemos constatar a singularidade do trajeto percorrido pelo historiador português, no conjunto dos livros de viagem de escritores portugueses que se deslocaram a Espanha na segunda metade do século XIX:

A linha de caminho-de-ferro espanhola, que tem Madrid como foco radial em direção às restantes cidades mais importantes do país vizinho, não contempla uma ligação à fronteira portuguesa por Zamora. Aliás, o troço Medina do Campo – Zamora, que seria inaugurado em Maio de 1864, só muito mais tarde se finalizaria com as ligações à Galiza, através de Puebla de Sanábria, Ourense, Santiago de Compostela e a Corunha. O termo do

⁷ Relembramos, o primeiro troço fronteiro, fora inaugurado em 1863, efetuava a travessia por Badajoz, passando por Ciudad Real. Em 1880, assiste-se á inauguração do ramal de Cáceres. A ligação do Norte de Portugal à Galiza terminará em 1886.

troço em Zamora obriga a que a viagem de regresso do historiador português se realize usando a mesma linha, aproveitando, desta feita, o autor para conhecer melhor Toro e Medina del Campo.



Figura 1. Itinerário da viagem de Oliveira Martins na Península Ibérica (1894).

A primeira paragem desta viagem na Espanha é Salamanca. Ora, Oliveira Martins inicia a sua abordagem a esta cidade com um *tropos* literário que contaminou todas as viagens românticas à Península, a motivação na busca pelo pitoresco: “Quem nas viagens buscar o pitoresco venha à Hespanha, que é talvez o último recanto da Europa onde a vida antiga, por fora e por dentro, se conserva intacta”. De facto, e como defende Luis Diaz Larios:

“Quienes visitan la Península encuentran en sus monumentos, costumbres, tipos y paisajes un mundo exótico, reminiscencia del pasado medieval y oriental, con la sugestiva atracción de lo que queda muy ajeno a su cómoda vida burguesa en las

grandes urbes de donde suelen proceder. Situados ya en la era industrial, en la rutina civilizada de un orden social cuasi democrático, estos aventureros de frac ven a España como fascinante realización paisajística y legendaria, y en un espacio muy próximo viven un tiempo ya muy lejano para ellos.” (DÍAZ LARIOS, 2002: 88).

Também Oliveira Martins considera que, já no dealbar do século XIX, a vida em Espanha ainda guarda muito do seu pitoresco e cor local, tal como acontecia na época das primeiras míticas viagens ilustradas. A este ensejo, cita mesmo Antonio Ponz e a sua famosa obra *Viaje de España*, obra publicada em 17 tomos, entre 1772 e 1794. Mas, ao contrário do famoso viajante, que nota em Salamanca um decréscimo de população e de estudantes, Oliveira Martins, contabiliza, cerca de um século mais tarde, um aumento considerável não só da população salmantina (cerca de “trezentas mil almas”) como também do número de estudantes (“atuhlada com mais de seiscentos estudantes que vêm a exames à Universidad”).

O autor de *Portugal Contemporâneo* releva, no entanto, a originalidade fascinante dos espanhóis que conseguem permanecer fiéis às tradições, sem negar a modernização e o progresso:

“A cidade moderniza-se, é verdade, mas em Hespanha dá-se este facto único entre europeus: é que os espanhóis vestem-se à moda, mas sem mudarem de índole, de carácter, nem de esperanças. Não há diferença essencial entre um castelhano de hoje e um castelhano do tempo de Santa Thereza.” (MARTINS, 1895: 127-128).

A descoberta de Salamanca pelo historiador português passa, por conseguinte, e em primeira mão, pelas memórias dos livros de viagem da Ilustração ou das gerações românticas precedentes, e por conseguinte, pelo (re)conhecimento dos monumentos e lugares que estes livros consagraram.

É também importante notar que a primeira vista da cidade de Salamanca que, propositadamente, escolhe partilhar com o leitor é um *tour d’horizon*, uma panorâmica da cidade “vista por fora”. Naquela que é a sua primeira incursão pelo núcleo urbano, afasta-se dela, para melhor a perceber e “d’alli do alto da carretera de Zamora” vê “as torres e corucheos de Roma la Chica”, “os monumentos, a natureza ainda estavam virgens de

engenhos e machinas, do fumo e tijolo com que os homens estragam hoje a paisagem.” Observando Salamanca do topo de uma colina, situada a norte da cidade, Oliveira Martins descreve, bem à maneira naturalista, a topografia da cidade:

“Alongada contra a margem direita do Tormes, que é um rio historicamente celebre, frenteando com a opípara veiga de la Serna, com o vale risonho de Zurguen e a frondosa alameda de Salas Bajas, a cidade antiquíssima de Salamanca assenta sobre três sucessivas dobras do terreno: São Christovão, São Izidro e Santo Vicente, a que os salamanquinos chamam montes.” (MARTINS, 1895: 37).

Destaca igualmente, partindo da posição geográfica de Salamanca no meio da imensa superfície aplanada da meseta ibérica, a inexistência de um caráter militar na cidade, uma vez que os postos de defesa durante a Reconquista se viram atribuídos a Zamora ou a Ciudad Rodrigo.

“Salamanca, no seio de uma campina indefensável, só pode ressurgir quando a reconquista, alcançando a fronteira do vale do Tejo, lhe consentiu viver em paz a sua existência de piedade e de estudo.” (MARTINS, 1895: 137).

Salamanca é, numa perspicaz analogia, a cidade da “penna” e da “cruz”; onde se distingue o seu caráter eclesiástico e universitário, em oposição a Zamora ou Toro, “baluartes avançados dos principados cristãos asturo-leonezes contra os muçulmanos”.

Oliveira Martins não é um viajante do acaso. A mesma criteriosa escolha do destino da sua viagem repete-se no rigoroso plano que parece ter delineado para visitar Salamanca, munindo-se de cautelosa e detalhada informação sobre os monumentos que pretende conhecer. Se a primeira impressão que connosco partilha é a de uma Salamanca vista a menor escala, por fora, para daí abarcar toda a urbe, vai aumentar a escala até ao pormenor, perscrutando com o seu olhar o detalhe mais ínfimo de cada monumento.

É, por conseguinte, “com firme determinação” que, após esta primeira abordagem a Salamanca, desde a Porta de Zamora, visita e descreve alguns dos seus principais monumentos. Ao contrário de outros viajantes, o percurso realizado pela cidade não menciona o nome das ruas, mas, desde logo, os monumentos históricos mais emblemáticos. Seguindo o seu roteiro, conseguimos acompanhar Oliveira Martins num

passeio pela Salamanca de finais de Oitocentos. Começa pela Sé Velha e destaca a Torre do Galo, passando para a Sé Nova e, depois, para o Convento das Agostinhas. Põe de parte as numerosas igrejas que existem na cidade, para visitar os Palácios, nomeadamente o Palácio de Monterey, a Casa das Conchas, que funcionava como sede da Deputación Provincial, e o Palácio dos FONSECAS. Dá relevância, por fim, a dois dos espaços mais emblemáticos de Salamanca: a Universidade e a Plaza Mayor. Neste périplo pela cidade e seus monumentos, Oliveira Martins oferece ao leitor uma visita guiada, percorrendo não só todos os espaços, como realçando a sua história e pormenores arquitetónicos.

Desconhecemos a localização do seu alojamento, um tópico tão comum nos relatos de viagem oitocentistas. Não caberia, aliás, dentro do propósito destas *Cartas*, que, constituindo o relato de uma viagem de trabalho, devidamente preparada, não se coadunava com o caráter de guia que outros livros de viagem apresentam, instituindo-se antes como reflexão histórico- antropológica e cultural sobre uma região, onde a memória e a génese das duas nações peninsulares se encontra enraizada.

A continuação da viagem, de Salamanca a Zamora, é realizada através do traçado ferroviário que unia a província salmantina a Valladolid, tendo como ponto de ligação a Zamora a estação de Medina del Campo. As aspirações económicas espanholas para esta linha de caminho-de-ferro não contemplavam, no entanto, uma ligação à fronteira portuguesa, antes um trajeto direto à Galiza, atravessando Ourense, para desembocar no porto atlântico de Vigo, estrada ferroviária direta ao litoral, ideal para receber e escoar produtos e pessoas.

Esta é a rota que Oliveira Martins percorre, passando por Medina del Campo e Toro, para chegar a Zamora, linha “que forma ângulo agudo com a de Salamanca”. Sai de noite de Salamanca e faz, dormindo, o trajeto até Medina del Campo, que demora duas horas, “entre as 10 horas e a meia-noite”, motivo pelo qual não descreve a paisagem. Como ele próprio confessa, “também nada haveria a dizer, porque a campina rasa, coberta de searas de trigo, é a mesma que eu vi em torno de Salamanca.”

As descrições das paisagens coincidem com o raiar do dia e a chegada a Castronuño, onde a linha ferroviária atravessa o vale do Douro, seguindo sempre na sua margem esquerda até chegar à fronteira portuguesa. A surpresa deste encontro é tanto maior quanto a diferença entre este Douro e o Douro português, vindo ao de cima o olhar

do “espaço outro”, realçado inclusive pelo uso dos déiticos e de pronomes possessivos na primeira pessoa do plural:

“Mas que Douro este tão diverso do Douro portuguez, estrangulado entre montanhas altíssimas, constantemente ameaçado pelas derrocadas das penhas de granito que as chuvas e o vento mandam rolando até ao fundo das gargantas assustadoras em que o rio, epilepticamente, se vae despenhando de rápido em rápido, de cachoeira em cachoeira, despedaçado pelos alcantis do leito! Quando o vemos da margem, o Douro de lá parece-nos um filete de água perdida. As montanhas esmagadoras dominam tudo. Agora, porem, o caso é outro. O Douro d’aqui não é o nosso Douro turvo e rápido: é um rio que vae correndo mansamente as suas aguas caudalosas por meio de uma planície batida e entre renques de choupos, de faias e de salgueiros. As vezes lembrava o meu querido Tejo para baixo de Abrantes.” (MARTINS, 1895: 161-162).

É precisamente o rio Douro que confere traços de individualidade regional a esta área, isolada sob a denominação tradicional de *Tierras del Vino* e *Tierras del Pan*. Oliveira Martins reconhece facilmente estas vocações económicas, “comarcas” advindas do “leito do velho lago terciário que tem por centro Valladolid.”

A *Tierra del Pan*, localizada entre o Esla e o Douro, e a *Tierra del Vino*, que começa em Tordesilhas estendendo-se para Sul e para Oeste, a partir da margem esquerda do Douro espanhol⁸, interpenetram-se mutuamente:

“Estas planícies da Castela-Velha eram consideradas o celeiro de Hespanha, enquanto a plantação de vinhas as não foi transformando em adega do mundo; hoje as cepas são tantas que o vinho vale três tostões a arroba, que é o equivalente do almude.” (MARTINS, 1895: 165).

⁸ “En Tordesillas, puente sobre el Duero comienza la Tierra del Vino, pues aunque limitada esta denominación tradicionalmente a la comarca de Zamora, justificado está el añadirle toda la porción sudoccidental de la provincia de Valladolid. El viñedo se extiende por la orilla meridional del Duero, pues las tierras de la orilla derecha, aunque cosechan también algún vino, son fundamentalmente tierras de pan” (TERÁN, 1958: 305).

Localizados estrategicamente nas margens do Douro, os centros urbanos de Zamora e de Toro constituem dois marcos importantes da *Tierra del Vino* e, lentamente, as plantações de cereais são substituídas pelos vinhedos que se prolongam para o Douro Internacional:

“Gradualmente as vinhas iam invadindo os campos de trigo até os coalharem de todo e nas encostas próximas que tinha à direita via-as trepar viçosas até à cumiada das collinas, vendo-as subir como um indeciso formigueiro de insectos pelas encostas do lado esquerdo, lá ao longe, esbatidas já nos tons azulinos dos campos distantes.” (MARTINS, 1895: 166).

Não obstante toda esta riqueza agrícola, o fim da linha de caminho-de-ferro, em Zamora, constituía obstáculo ao escoamento dos produtos, num eixo de circulação considerado, pela sua localização geográfica “montada sobre el cantil que sus aguas cortan”, “puente sobre el rio y etapa en una via natural de comunicación, la que en el Oeste de la Meseta pone en relación el Noroeste de ésta y la Península, con el Sur de Extremadura y Andalucía.” (TERÁN, 1958: 306). Esta via natural de comunicação, era na verdade, em finais de Oitocentos, um verdadeiro “beco sem saída”:

“Perguntei por que motivo em região agricolamente tão rica, o tráfego era tão escasso. Responderam-me que os hábitos primitivos da pequeníssima povoação local se não tinham alterado: transportavam os seus grãos nos seus carros pelas antigas estradas; e que sobretudo a linha de Zamora, terminando em uma cidade sem maior importância económica, não communicando para Oeste com as estradas de ferro que dão acesso à costa, era um becco sem saída e uma empreza sem futuro. Assim parece.” (MARTINS, 1895: 166).

A tortuosidade do percurso de comboio, entre Salamanca e Zamora, é de tal forma fatigante que o viajante se sente aliviado à chegada. A descrição impressionista da paisagem que, como foi dito, caracteriza o estilo deste relato, funde-se então com uma conceção simbolista da realidade. A realidade vista por Oliveira Martins, a realidade sensorialmente observável é filtrada por realidades morais, abstrações, tendências ou, como neste caso, sensações e sentimentos de profunda alegria:

“Quando se entra em Zamora a sensação é risonha. Para cada lado que se torne, descobre-se arvoredo; e em Junho, às 9 horas da manhã, já a sombra sabe bem. São longas alamedas de choupos, são laranjaes e pomares por todos os lados. Zamora fica à beira do Douro, n’uma pequena elevação que se ganha por uma estrada bem traçada. A cidade tem um aspecto serio, limpo e convidativo. Pelas boccas das ruas que dão sobre o campo, ao passar, descobrem-se perspectivas risonhas...” (MARTINS, 1895: 169)

À semelhança do que já acontecera na visita à cidade universitária e eclesiástica, também em Zamora o escritor viajante traça *a priori* um plano detalhado do roteiro que deseja percorrer. Este roteiro inclui inicialmente, e já como na visita salmantina, uma visão exterior da cidade. Desta perspectiva, destaca o carácter bélico da cidade de Zamora, em contraponto com Salamanca, cidade da “pena e da cruz”, e não resiste a chamar à atenção para os seus heróis Viriato e Bernardo del Carpio, ambos representantes desta cidade, “baluarte avançado dos principados christãos asturo-leonezes contra os muçulmanos”. Ainda a propósito da formação histórica de Zamora, dá evidente relevo à figura mítica e lendária de Bernardo del Carpio, personagem que o Século de Ouro consagrara, bem como a outras lendas sobre a fundação da cidade, como a do bispo Atilano, padroeiro de Zamora. Depois desta abordagem externa, penetra no coração monumental da cidade, prolongando a estadia numa visita minuciosa à Catedral, descrevendo com pormenor o coro ou o carro triunfal.

Esta passagem por Zamora presta-se essencialmente a uma abordagem dos monumentos e das paisagens que tem, muito mais do que acontecera com Salamanca, um pendor romântico de cariz sentimental e evocador de lendas, mitos e mistérios. As rememorações, que lhe ocorrem em Zamora, misturam claramente a História com as lendas. Talvez porque Oliveira Martins tenha uma visão sincrética da História, em que os monumentos, as paisagens, as cidades representam, acima de tudo, marcas indeléveis do passado e da alma dos povos⁹.

⁹ A este propósito escreve Maria José Marinho: “Se não erramos na leitura de muitas páginas do autor da Teoria da História Universal, o que encontramos por detrás de títulos aparentemente sistemáticos (Elementos, Sistema, Quadro, Regime e também, História, Política...) são tentames de compreensão do que o nosso autor considerou o estar ou evoluir das formas de existência e consciências sociais, ensaios de construção de uma nomologia impossível que fosse a interpretação orgânica das ideias,

Ao empreender a viagem de regresso, que se faz precisamente rumando em sentido contrário, decide parar em Toro e em Medina del Campo, motivado também pelo interesse historiográfico, económico e sociológico que as duas vilas representam no conjunto da origem, formação e desenvolvimentos das nacionalidades da Península. O percurso até Toro é efetuado em diligência e dura cerca de duas horas, findas as quais “vae-se descobrindo mais e mais a vastíssima campina alongada para além do Douro. O rio beija os pés da montanha debruada de salgueiros.”

É nesta viagem, entre Zamora e Toro, em terras onde 400 anos antes se desenrolara o cenário da batalha de Toro, que emerge o Oliveira Martins historiador, numa rememoração das circunstâncias, onde participara heroicamente aquela que era a figura central da pesquisa que levava a cabo: D. João II, ainda infante. O livro de viagens, que até então se consubstanciara num relato das impressões sensoriais despoletadas pela paisagem e pela realidade, transmuta-se em memória da referida batalha. Cumpre-se aqui o desiderato desta viagem, no contacto com o espaço onde se travara o destino da união ibérica, mesmo que com quatro séculos de distância. O contacto com o espaço vivido enche-se de rememorações do passado, de uma pintura impressionista da paisagem e dos cenários, que se funde com uma conceção simbolista da realidade, tal como já observaram António José Saraiva e Óscar Lopes, em que a realidade é filtrada, a realidade observável sensorialmente é um símbolo de realidades morais, de abstrações¹⁰. Assim se entende a visão de Toro, de dia: “No caso de Toro, que na véspera me parecera trágico, hoje parecia-me simplesmente melancólico, segundo são sempre as ruínas amesquinhas.”

A descrição da batalha, que nasce da visão do espaço, remete também para essa evocação sugestiva do movimento, que empresta plasticidade à narrativa histórica, transformando-a num verdadeiro drama vivo:

“Facto é que tinha a meu lado a mole immensa do castelo restaurado, com as torres circulares que o ladeam por todas as quatro faces. La dentro, na noite da tragédia, os poucos soldados da guarnição debruçavam-se das ameias para ouvir o

síntese de todas as ciências sociais (antropologia, crematística, mitologia, e, também, economia, política, história...), termo de um projecto interpretativo do “Ser Colectivo” que julgava poder compreender a um tempo, a evolução do sujeito no objecto e a do objecto no sujeito.” (MARINHO, 1995:20).

¹⁰ SARAIVA e LOPES, 1982: 915.

que diziam aquelles gritos confusos, aquele tumulto de vozes que o negrume do ar batido pela chuva e pelo vento lhes trazia aos ouvidos. Quem vencera?... Debruçando eu também a vista sobre a ribanceira a pique, vi lá baixo o lençol de prata do Douro escoar-se mansamente, e, mesmo a meus pés a ponte cortando-lhe um rasgão de lado a lado. Era por ahi que os nossos vinham correndo, a galgar a encosta abrupta, amontoando-se contra as portas da cidade, na muralha que a meia altura se erguia então e de que, por aqui, por além, eu estava vendo o traçado nos afloramentos dispersos das ruínas, fúnebres à luz da noite. Era nas muralhas, na torre sobre a porta em frente à ponte que o Duque de Guimarães, fora de si, batido no campo, exclamava com desespero, e aos que pediam acolhida e salvação respondia-lhes perguntando pelo rei: Que tinham feito d'elle? Vinha alli? E aferrolhava as portas vendo traidores em todos.(...) Foi então que chegou o príncipe com o seu exercito intacto, intimando a abertura das portas, e que todos entraram, como o navio batido pelo temporal quando fundea em um porto seguro.” (MARTINS, 1895: 200).

Esta visita a Toro é sobretudo momento de reconhecimento dos espaços onde antes na História desfilaram D. Afonso V, D. João II e Juana, a Beltraneja. Numa pequena vila rural, “onde não há uma só *fonda*”, fica hospedado numa casa particular e é acompanhado neste seu reconhecimento por um guia, que, para além do castelo e das suas muralhas, lhe assinala ainda o local onde antes se erguera o Convento de S. Domingos, a Igreja de S. Pedro, o Palácio das Cortes quase em ruína e o conduz ao *Espolon*, “terraço natural avançado pela montanha e d’onde ella desce quasi verticalmente sobre o Douro, cem metros abaixo.”

Finaliza a viagem com a estada em Medina del Campo, “terra célebre dos banqueiros castelhanos”, que destaca, a par de Valladolid, como sendo das mais típicas de Castela, coração da Espanha, e repositório das verdadeiras tradições e valores originais que geraram este país.

É o próprio Oliveira Martins quem o reconhece. Estas duas estações da sua “jornada são sobretudo evocações do passado”. Porém, não deixa de ser curioso que seja em Medina del Campo, já no dealbar da sua viagem, que as descrições de monumentos deem lugar ao contacto com elementos mais caraterísticos da cultura castelhana, tais como

as danças tradicionais - o *fandango* e as *habas verdes* -, os trajes típicos e, como é óbvio, as *corridas*. Explora ainda o carácter comercial e financeiro de Medina del Campo, recordando a relevância das feiras que aí tinham lugar, génese dos primeiros Bancos, contrastando esse seu fausto comercial de outrora com a sua depauperação atual. Resta-lhe uma esperança:

“Hoje, Medina é uma pobre vila sem importância; mas junto d’ella está se erguendo a cidade nova da estação dos caminhos de ferro, coração da rede ferroviária n’esta zona de Hespanha. A feira grandiosa de outros tempos está hoje aberta todos os dias nas lojas, nos depósitos e armazéns magníficos de Valladolid, a opulenta.” (MARTINS, 1895: 225).

3. Retórica de alteridade: o Eu, o Outro e as influências literárias

Já Eduardo Lourenço alertara para a importância das leituras no conjunto da obra martiniana, que se cristalizariam numa densidade e riqueza sobrepujadas por uma natureza verdadeiramente dotada e criadora. De facto,

“Ler Oliveira Martins é ler ao mesmo tempo e sem solução de continuidade as suas leituras – a menos as fundamentais ou as que assim nos parecem. É que Oliveira Martins embora seja mais do que essa multiplicidade de leituras mal dominadas a que parece tantas vezes reduzi-lo um António Sérgio, supõe-as sempre no esforço titanesco de as conciliar ou sinteticamente as submeter à sua visão pessoal” (LOURENÇO, 1995: 12).

As influências de Proudhon, de Michelet, Carlyle, Ruskin ou mais tarde Schopenhauer e Hartmann, são efetivamente inegáveis num conjunto de uma obra que tenta constituir uma verdadeira “teoria de Portugal no tempo e no espaço”¹¹.

No que concerne aos seus relatos de viagem, editados na década de 90, parece-nos nítida a influência tainiana, quer pela preferência por um género epistolar (*Cartas Peninsulares* e *Cartas de um viajante*), quer pela perspetiva adotada nas descrições das paisagens, mormente das cidades visitadas. Compare-se, a título de exemplo, a descrição que Taine faz, nos seus *Carnets de Voyage*, da cidade medieval de Carcassonne, cujas

¹¹ SARAIVA e LOPES, 1992: 918.

muralhas datam do séc. XII, com as descrições de Zamora ou Toro, cidades medievais também elas de fortes características militares e dominadas pelas muralhas:

“Sur une haute colline rousse, nue, déserte, s'élève la cité flanquée de sa double enceinte de murailles. Tout cela est rude, menaçant et sombre. Les gens vivaient ici comme dans une aire, contents de n'être pas tués; c'était là tout le luxe aux temps féodaux. Les cours sont à deux ou trois étages, chaque étage et chaque cour pouvant être défendus isolément, chaque enceinte exigeant son siège. Ouvertures pour lancer des traits d'arbalètes; fentes de mâchicoulis pour écraser l'ennemi avec des moellons, percées pour verser le plomb fondu et l'huile bouillante, escaliers trompeurs et sans issue pour engager l'ennemi dans une sorte de puits; où pêle-mêle on l'accablait de traits, salles rondes de ralliements et de corps de garde; encoches dans la pierre pour insérer les paravents de bois qui garantissent les archers; l'amas des pierres et la complication des inventions militaires sont étonnants. Il fallait tout cela contre un Richard Cœur de Lion, un Duguesclin qui, couverts de fer, le bouclier sur la tête, avançaient sous les traits et, à coups de hache, défonçaient les portes et frappaient comme des Cyclopes.” (TAINÉ, 1865 : 289).

4. Conclusão

O autor de *Portugal Contemporâneo*, apesar de provar o seu amplo conhecimento dos livros de viagens a Espanha, chegando mesmo a citar alguns dos mais célebres (como António Ponz), faz questão de se afastar desta tradição, denunciando o quão de construído e ficcionado tem essa imagem da Espanha veiculada nos livros de viagens oitocentistas. Mesmo quando, ao crepúsculo de um dia preenchido pela visita a Salamanca, deixa voar a imaginação, rapidamente regressa à realidade, recusando o pitoresco de segunda mão, que por sinédoque, assimilava a Espanha à Andaluzia:

“Mas a noite desce e de certo não é possível hoje visitar nenhuma das obras de arte.(...) ouvem-se de todos lados desferir guitarras e adivinham-se os *zapateados* que animam os *pateos* das casas. Nada d'isso me commove. O castelhano grave não se dá com o movimento dos andaluzes, tão absorvente que se generalizou a toda a Hespanha.” (MARTINS, 1895: 142).

Tal como referem António José Saraiva e Óscar Lopes, a atividade literária de Oliveira Martins tornou-se, a partir de 1890 num refúgio e numa compensação.

“Se a Geografia é a nosso ver uma causa das graves diferenças que, segundo as regiões, distinguiram os espanhóis na história e os distinguem ainda hoje, mantendo visíveis caracteres etnológicos nem sempre fáceis de determinar nas suas afinidades, essa causa não basta para que, acima de tais diferenças, a história nos não mostre a existência de um pensamento ou génio peninsular, carácter fundamental da raça, fisionomia moral comum a todas as populações de Espanha; pensamento ou génio principalmente afirmado, de um lado no entusiasmo religioso que pomos nas coisas da vida, do outro no heroísmo pessoal com que as realizamos. Daqui provém o facto de uma civilização particular, original e nobre.” (MARTINS, 1973: 33).

O Iberismo de Oliveira Martins é, na verdade, e como já foi amplamente defendido, um “Iberismo espiritual, desprovido de carácter político e assente na unidade de pensamento entre Portugal e Espanha, posição, aliás que viria a ser defendida pelo escritor espanhol Miguel de Unamuno.” (CABETE, 611) A viagem a Espanha, ao espaço outro, mas onde se vê de forma especular, faz realçar ainda mais os laços afetivos, emocionais, psicológicos e históricos com a nação vizinha, num movimento em que o confronto com a alteridade substancia e dá fundamento a uma identidade ibérica.

Em Oliveira Martins, a retórica da alteridade não é mais do que uma retórica de identidade, que se plasma em dois tropos: o libertário e o sistemático. Se o tropismo libertário se orienta para a aventura, o apelo de um espaço desconhecido, longínquo, o tropismo sistemático coincide com uma fase de acomodação que passa pela assimilação do Outro e a mudança das suas próprias estruturas mentais. A identidade confronta-se, conforma-se e estrutura-se numa retórica da alteridade.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Luís Machado de (1999), “As Duas Decadências de Portugal em Oliveira Martins”, in *Revista da Faculdade de Letras de Coimbra*, Vol. XXXVIII, Coimbra, Oficinas da Universidade, pp. 341-350.

BRAGA, Teófilo (1875), “Litteratura de viagens. Hespanha e França por Luciano Cordeiro”, *Diário de Notícias*, 4 Abril;

CABETE, Susana (2010), A narrativa de viagem em Portugal no século XIX: alteridade e identidade nacional, *Literature*, Université de la Sorbonne nouvelle – Paris III, disponível em <https://halshs.archives-ouvertes.fr/tel-00868637/document>

DIAZ LARIOS, Luis (2002) “La visión romántica de los viajeros románticos”, in *Romanticismo 8. Los románticos teorizan sobre sí mismos*, Bologna, Il Capitello del Sole, pp. 87-99.

LOURENÇO; Eduardo (1995) “Lembrança de Oliveira Martins: História e Mito”, in *Oliveira Martins e os Críticos da História de Portugal*, J.P Oliveira Martins, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, pp.11-24.

MARCOS DE DIOS, Ángel (ed.), (2007), *Aula Ibérica*, Salamanca, Ediciones de la Universidad de Salamanca.

MARINHO, Maria José (1995), *Espólio de Oliveira Martins: inventário*, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

MARTINS, J.P. Oliveira, “Causas da decadência dos povos peninsulares”, in *História da Civilização Ibérica*, s/l: Publicações Europa-América, s/d;

(1973) *História da civilização ibérica*, Lisboa, Guimarães & Companhia Editores;

(1979), *Portugal Contemporâneo*, 2 vols., Lisboa, Guimarães Editores.

(1895), *Cartas Peninsulares*, Lisboa, Livraria de A.M. Pereira;

(1893) *A Inglaterra de Hoje: cartas de um viajante*, Lisboa, Livraria A .M. Pereira;

MATOS, Sérgio Campos (2001), “Nacionalismo e anti-iberismo. A pedagogia nacionalista da Comissão do 1º de Dezembro (1890-1933)”, in *Revista Eixo IV, La mirada del outro. Para una Historia de la Educación en la Península*, Ourense, Tórculo Artes Gráficas.

OUTEIRINHO, Maria de Fátima (1997), *À distância de mais de meio século: Paris em Ramalho Ortigão e Abel Salazar*, sep. *Intercâmbio*, nº8, Porto.

(2000), “Representação do Outro e Identidade: Um Estudo de Imagens na Narrativa de Viagem. II – Um estudo de caso: a narrativa de viagem oitocentista”, in *Cadernos de Literatura Comparada – Para uma crítica do discurso crítico. Narrativa Literária e Identidade*, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Porto, Granito Editores e Livresiros.

(2002), *A Viagem a Espanha. Em torno de alguns relatos de viagem oitocentistas*, sep. da *Revista da Faculdade de Letras do Porto. Línguas e Literaturas*.

(2003a), *O Folhetim em Portugal no Século XIX: uma nova janela no mundo das letras*, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, especialmente “A crónica de viagem”, pp.166-209.

(2003b), “Representações do Outro na narrativa de viagem oitocentista”, *Cadernos de Literatura Comparada 8/9: Literatura e identidades*, Orgs. Ana Luísa Amaral, Gonçalo Vilas-Boas,

Marinela Freitas, Rosa Maria Martelo, Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, 2003, pp. 67-76.

PONZ, Antonio (1772-1794), *Viage de España, o Cartas en que se da noticia de las cosas mas apreciables y dignas de saberse, que hay en ella*, Madrid, Ibarra impresor, 18 vols

RIBEIRO, Orlando (1991) *Opúsculos Geográficos*, IV Volume: o mundo rural. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian;

(1995) *Opúsculos Geográficos. Estudos Regionais*, Vol.VI, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar (1955), *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 12ª edição.

SEIXO, Mª Alzira (Coord.) (1997) *A Viagem na Literatura*, Lisboa, Pub. Europa-América/CNCDP, (Col. Viagem, nº1).

SERRA, Pedro e GARCIA MARTIN, Ana Maria (1999) “Oliveira Martins visto por intelectuais espanhóis, nas correspondências de Juan Valera e Marcelino Menéndez y Pelayo”, in *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol. XXXVIII, Coimbra, Oficinas da Universidade, pp. 159-173.

SERRÃO, Joel (2000), “Caminhos de ferro”, in *Dicionário de História de Portugal*. Coordenação de SERRÃO Joel, BARRETO, António, MÓNICA, Maria Filomena, Porto, Figueirinhas, Vol. 1, pp. 447-451.

(1962) *Temas Oitocentistas II – Para a História de Portugal no século passado: ensaios*, Lisboa, Portugália Editora.

TAINÉ, Hippolyte (1897) : *Carnets de voyage. Impressions sur la province (1863-1865)*, Paris, Hachette.

(1866) *Voyage en Italie*, Paris, Hachette

TERÁN, Manuel de (1958), *Geografía de España y Portugal (España Geografía Regional)*, 1º Ed., Tomo IV, Barcelona, Montaner y Simón.

WAIS, F. (1987) *Historia des los Ferrocarriles españoles*, Madrid, Fundación de los Ferrocarriles españoles (1ª edição 1974).